

ENTREVISTADORA: Se o senhor souber de nome de policiais, nome de fazendeiro, nome de jagunços, ajuda muito a gente. Souber nome de pessoas que morreram, desapareceu, foi presa. Situações, assim, de violência, se ela foi ameaçada, foi espancado por policiais, ou a mando de fazendeiros, Georgino, não sei. Está bom? Aí você conta, sua experiência.

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: Não, que nós estava fazendo a entrevista lá, aí eles veio e denunciou. Nós estava tudo reunido lá na Câmara, começando a trazer as da... Do acontecimento que teve aqui em Verdelândia, né. Aí todo mundo falou lá e eles falou: "Vamos lá então, no Senhor Pedro lá".

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É, quando nós chegamos aqui.

ENTREVISTADORA: Fala primeiro seu nome completo.

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: Meu nome é Pedro Mendes de Queiroz.

ENTREVISTADORA: E o senhor nasceu aqui?

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: Eu nasci em Mirabela.

ENTREVISTADORA: E qual que foi a data do nascimento?

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: Eu não lembro mais, né. Tem nos documentos.

ENTREVISTADORA: É, está no documento?

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: É, está aqui no bolso. Aí eu vim pra aqui em um pequenos braços.

ENTREVISTADORA: Aham. Com seu pai e sua mãe?

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: É, quando eu cheguei pra aqui, aqui não tinha gente branco, não. Era só moreno. Aí depois que foi chegando as pessoas de idade branco, outros amigos, foi chegando, foi chegando. E foi perto de Cachoeirinha, tinha três casas em que prestavam, que era feita de barro. De adobo. Outras de pau a pique. Minha data é essa aqui, tem esse resto de (trecho incompreensível). Identidade, que ela está toda bagunçada.

ENTREVISTADORA: 29 de junho de 1946.

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: É. Aí nós que ficamos aí lombrado na beira dessa lagoa do Jaíba, mas no final da Augusto (trecho incompreensível) aqui na lagoa. Aí onde é que é a mata hoje. Aí nós ficamos lá e ficamos, ficamos, depois surgiu um decreto que ia ter uma terra devoluta para todos os trabalhadores. Aí nós já... Meu pai já não estava bom mais, não, que ele estava, deu uma (trecho incompreensível) que tremia até os pau. E ele ficou na cama, (trecho incompreensível) no olho. Morre hoje, morre amanhã, mas Deus ajudou que não morreu e ele

largou minha mãe, largou nós aqui pequenos. E eu era o mais velho, tomei conta da peãozada e sai pedindo esmola e fiquei aqui. E aqui estou até hoje. Só que até (trecho incompreensível) trem, não foi muito ruim, porque a gente chamava de (trecho incompreensível). Agora o despejo foi bravo. O despejo, quanto mais a gente chegou pra aqui, ele fez coisa que até não dá nem pra gente lembrar, para ficar lembrando não, que é ruim. Ele pegou uma comadre minha que morava aqui na beira da lagoa, que era uma pobre igual a nós, tirou arroz do fogo, botou na cabeça dela o arroz fervendo, fez ela levar. Botou fogo nas casas, e eu tava lá nesse dia, e ele falou comigo, disse: “Oh, você faz o favor de sumir daqui, porque senão nós lhe mata.” Eu digo: “Mata nada. Homem que fala não faz, não”. Aí fiquei. Sai mais outros companheiros e fui pra casa. Chegou lá a velha falou comigo, disse: “Olha, meu filho, cê volta e panha as galinha e traz, que eu tenho que aproveitar ao menos minhas galinhas, que as boa que tem é a queimou tudo. Então as galinhas que está ali fora, você traz.” Eu voltei. Quando eu voltei, ele disse: “Oh, moço, você ainda está por aqui ainda?” Eu disse: “Estou. Eu vim panhar as galinhas.” Ele disse: “é, eu vou ali chamar o pistoleiro meu que ele acerta com você daqui a pouco”. Eu digo: “o senhor quem sabe. Aí é dois destinos, o senhor marca a sua que eu marco a minha. Mas que as galinhas eu levo, eu levo”. Aí eu peguei as galinhas que as galinhas era mansas e eu botei cachorro e peguei, e vim embora. Aí ele chegou na rua e falou com o Juju, disse, era o pistoleiro dele. Disse: “olha, você tem que sumir aquele moço daqui, porque ele é encrenqueiro.” Aí nesse dia ele pegou e falou com o Antônio, (trecho incompreensível) que era o mais, o mais que matava. Disse: “Leva ele para a lagoa da Jaíba para ir pescar aqui nessa lagoa aqui, que eu estou falando com a senhora”. Aí nós fomos para a lagoa. Quando nós chegamos na lagoa, ele pegou e falou assim, disse: “olha, aqui tem um caminho de capivara, aí você entra debaixo dessa moita e eu rolo por essa moita lá por de trás que elas devem estar aqui dentro”. Ele com uma espingarda de dos canos e eu com a 36. Que eu não vou contar só dos outros, não, eu também estava armado.

ENTREVISTADORA: Uhum.

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: Aí quando eu fui para rodar o pau, passou um pato avoando, e eu atirei no pato, derrubei quase em riba dele. Ele disse: “é ocê atira”, ele é vingativo. E aí pus o cartucho e rompi. Em vez de eu atravessar o pau com a arma para o outro lado, eu rodei no pau e fiquei de trás dele. Aí ele disse: “você tá vendo alguma coisa aí Seu Pedro?” Eu digo: “Não senhor, não estou vendo nada aqui, não.” Mas desde que eu estava cá atrás das costas dele, né. Aí (trecho incompreensível), “está bom de nós ir embora, porque não tem nada aqui, nós vamos

levar esse pato para nós fazer um churrasco”. Eu disse: “o senhor que manda. Mas nós ia para caçar e se o senhor quiser caçar, nós caça, se não quiser, nós vamos embora.” Nós veio embora. Nós veio embora. Quando passou, assim, uma semana, não chegou a uma semana, ele matou um compadre meu, foi o finado Ursino.

ENTREVISTADORA: Ursino?

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: É, matou no meio da rua.

ENTREVISTADOR: O senhor sabe falar o nome dele todo?

ENTREVISTADORA: Completo? O nome? Sobrenome?

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: O Compadre Ursino?

ENTREVISTADORA: É.

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: Não, eu não sei o sobrenome dele.

ENTREVISTADOR: Ursino, né.

ENTREVISTADORA: Ursino. Existia Usino também?

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: É, esse Usino era nascido aqui de Cachoeirinha, era filho legítimo daqui, era compadre meu. Conforme o pai dele, que era meu compadre também.

ENTREVISTADOR: É Orsino o nome dele?

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: É Ursino.

ENTREVISTADORA: Ursino.

ENTREVISTADOR: O senhor já ouviu falar de um que era só Sino? Que o nome era só Sino?

ENTREVISTADORA: Existe alguém que chamava Sino?

ENTREVISTADOR: Porque tem esse nome que a gente não sabe quem que é.

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: É, eu não.

ENTREVISTADORA: Só Ursino então?

ENTREVISTADOR: A sua comadre, que ele fez colocar a panela na cabeça, o senhor lembra o nome dela?

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: É a mulher de Narciso, é, ô, tô com o nome da mulher na boca... (trecho incompreensível). (Trecho incompreensível) não é, não, como é que é? A mulher, a madrinha, a mulher de pai de Narciso chamava como? Daline não, né? É Daline.

ENTREVISTADOR: Então uma semana depois, o Juju matou o seu compadre Ursino?

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: Não, quem matou foi o Antônio Manoelito.

ENTREVISTADORA: Antônio Manoelito?

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: É.

ENTREVISTADORA: Era jagunço do Antônio Manoelito?

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: Era jagunço. Aí o Juju fez, mais esse mesmo Antônio, amarraram foi o povo no meio da rua, onde é que era o mercado. Eles amarraram ele num pau assim, tudo de braço pra trás, o povo no meio da rua. E até eu era para ser amarrado.

ENTREVISTADOR: Foram muitas pessoas que foram amarradas?

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: É, foram muita gente, foi...

ENTREVISTADOR: Você lembra do nome de alguém que foi amarrado?

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: Foi um bocado. Um bocado aí já morreu.

ENTREVISTADOR: O senhor lembra o nome de algum que foi?

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: Foi o Velho Sura, né. O Velho Sura. É, Teófilo Preto. Foi vários companheiros, eu nem me lembro mais, não.

ENTREVISTADOR: E como é que foi esse negócio de amarrar as pessoas na rua? Como é que eles arranjaram isso? Eles colocaram pau lá no meio da rua? Como é que foi?

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: Lá era o mercado, o senhor entendeu? Ali perto da delegacia tinha um mercado, aqui perto da delegacia hoje, que era o mercado. Os pau fincado, sabe? Tudo fincado no mercado, inclusive era um amigo meu que trabalhava nesse lugar. Depois ele adoeceu e morreu, que era o finado Tião Carpinteiro. Aí eles desarmaram, assim, como de fazer o mercado e deixaram lá a armação armada. Serviu foi de mourão para amarrar o povo.

ENTREVISTADORA: E amarrou com o quê?

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: Amarrou de corda e com os braços para trás lá no meio da rua, para todo mundo ver e deixou lá amarrado.

ENTREVISTADORA: E tinha mulher amarrada também?

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: Era todo mundo.

ENTREVISTADORA: Todo mundo.

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: Era, foi depois que o advogado veio que botou para as suas casas o povo.

ENTREVISTADOR: E quanto tempo que ficou esse povo amarrado, assim? Quanto tempo ficou tendo esse tipo de coisa?

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: Ah, ficou foi muito tempo.

ENTREVISTADOR: Mais de ano?

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: Não foi pouco, não. Ficou quase, mais de ano?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Ficou muito mais.

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: Ficou mais de ano.

ENTREVISTADOR: E sempre tinha alguém amarrado assim lá?.

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: Aí amarrado, o Jairo não ficou mais amarrado, aí já ficou foi perseguindo nós.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Persequindo, né. Que eles caçavam para matar e não achava.

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: É, caçando nós para matar. E eu mesmo, eu, compadre Jadércio, que eu o pai dele, ele já fez buraco na casa desse compadre Jadércio no banheiro, para boca no rio ficar evidente para atirar nele.

ENTREVISTADOR: É mesmo?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Abriu no banheiro.

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: E o homem, esse Manelito, mais voltando em Manelito, veio aí de roupa de mulher assim, vestido como de mulher na roça para matar compadre Jadércio. Falo para o senhor e qualquer parte do Brasil. Aí ele pegou e ficou...

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Por cima do, para poder... Querer atirar nele.

ENTREVISTADORA: A senhora já estava aqui também?

ENTREVISTADOR: A senhora estava aqui também já, a senhora?

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: É minha dama.

ENTREVISTADORA: Já era casado?

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Era sim. Agora, muitas coisas eu não sei contar, né.

ENTREVISTADORA: Aham. Mas a gente gostaria de ouvir a senhora então depois. A gente quer ouvir a senhora.

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: Aí ele pegou e já deu que vinha dar um passeio na casa do compadre Jadércio. Compadre Jadércio, isso era (trecho incompreensível). Compadre Jadércio vai, mas fala comigo para eu ir pra lá. Aí eu fui para casa dele mais outro companheiro. Quando nós chegamos lá, nós fomos para a casa de farinha, e esse compadre Jadércio ficou na casa dele com a família dentro de casa. Aí (trecho incompreensível), "qualquer coisa, se der diferente, eu acende as luz. E aí o senhor fica aqui". Ai nós ficamos, na casa de farinha que ele tinha assim no fundo da casa, e nós ficamos. Quando foi mais tarde, quase que dava foi errado. Porque chegou

um povo que estava pegando papagaio e aí foi direto na janela dele, né? Aí eu mal acompanhei e disse: “Olha, moço, foi para a janela. Esse trem não vai dar certo.” Aparece que os caras subiu no poste, assim, para pregar as propaganda e conversou, né.

ENTREVISTADOR: É.

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: Aí nós contou história diante dos seus meninos que estava pegando papagaio ai escondido. Nós não pudemos a desacar ele. Vamos ver se os outros aparece. Aí nesse rolo nós amanhecemos o dia, com frio, com tudo, amanhecemos o dia. Só que na hora que nós estava lá amanhecendo o dia, o compadre Jadércio saiu na porta e chamou o Pai Pedro: “Você viu quem chegou aí?” Eu digo: “Vi. Foi o cabra que veio pregar uma propaganda”, e ele disse: “Eu também vi, eu estava olhando, eu vi quem era. E não precisa vocês se preocupar não, o homem não veio, não. Pode ir pra casa.” Nós viemos embora. Mas era uma aração, a gente não podia ter sossego, não. O sossego daqui era pouco. A gente era um sofrimento que eu vou falar com o senhor um caso, só Deus para saber.

ENTREVISTADOR: Na época do despejo, o senhor lembra de quem que morreu, das pessoas que morreram?

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: Oh, moço, aí morreu um bocado, que morreu um velho que morava aqui.

ENTREVISTADORA: Se o senhor puder falar o nome é melhor, se o senhor conseguir lembrar o nome.

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: É.

ENTREVISTADOR: A senhora também, se a senhora também lembrar.

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: Como era o nome daquele véio das cadelas?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Era ele que eu estava falando que sumiu, que desapareceu, né.

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: É.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Ele desapareceu, quando eu falei dele.

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: O véio das cadelas ero Marcionildo.

ENTREVISTADORA: Marcionio?

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: É, Marcionílio.

ENTREVISTADORA: A gente tem esse nome mesmo.

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: É uma bença que eu estou véio, mas não estou caducando

ainda não. Marcionílio, ele era um peregrino, que o senhor fazia (trecho incompreensível).

ENTREVISTADOR: Sim.

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: Ele andava com uma roupa toda esfarocada de garrancho, toda cheia de ferida, tudo superior. Era uma piedade o homem. Mas trabalhava igual uma fera brava. Então ele vinha buscar água nessa lagoa, que tô dizendo o senhor aqui, na Lagoa do Jaíba. Ele vinha buscar água nas cabaças e duas cadelas atrás dele, pequena assim. Ele vinha e voltava nesse rojão. Sofrendo e lutando. Aí nesse rolo, eles consumiram com esse Marcionílio. Consumiram com Marcionílio e botou os outros para poder sair fora e botou fogo na rancharia e vieram embora. Quando chegou aí, na onde que é o prédio, compadre Jadércio, prédio que era do coronel. Aí encontraram Martinzinho.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É o que eu falei, o Martinzinho.

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: Martinzinho vai e pergunta, diz: “cadê fulano?” Que era o Marcionílio, né? Ele disse: “Ah, taca fogo nesse véio, que já foi um pro céu, vai o outro.” Aí tacaram o Juju, tocou fogo no Martinzinho.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Foi o Juju então.

ENTREVISTADORA: Juju.

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: Mas quando eles foram atirar no Martinzinho, o Martinznho estava com uma espingarda de atirar em periquito, em andu, sabe? Porque ele plantava muito andu, esses trem. Aí o Martinzinho salvou a perna dele também e disse: “tiro com tiro não doi”, e ele gritou nessa hora, né, correu. Se ele não corre, ele tinha matado o Martinzinho.

ENTREVISTADORA: Ah, então não matou, não?

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: É, não matou na hora, não. Deixou quase morto, mas não matou, não. Aí ele aí é que sabe.

ENTREVISTADORA: O Marcionílio desapareceu foi em 77?

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: É.

ENTREVISTADORA: 67?

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: Foi nesse tempo.

ENTREVISTADORA: E na época dos despejos o senhor não morava nessa área ou em outro lugar aqui perto?

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: Não. Essa época eu morava lá.

ENTREVISTADORA: Lá perto da lagoa?

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: É, lá embaixo.

ENTREVISTADORA: Esse Martinho, o senhor lembra o sobrenome dele? Era Martinho...

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: Martinho...

ENTREVISTADORA: Martinho... Foi em 67 também? Que a gente tem um Martinho Fagundes?

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: É Martinho Fagundes.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Era o líder deles, né.

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: Martinho Fagundes era o líder nosso.

ENTREVISTADORA: Ah, não, esse não. Ele morreu em Janaúba, né.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É.

ENTREVISTADORA: Está certinho.

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: É, o Martinho Fagundes morreu em Janaúba, quem matou foi o Manelito.

ENTREVISTADORA: Martinho Fagundes.

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: Manelito não, foi Pirulito.

ENTREVISTADORA: Pirulito era jagunço?

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: Era um cangaceiro.

ENTREVISTADORA: Uhum.

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: Ele, deram uma caçada nele aqui, que aí nós formamos em um sindicato, entendeu? Foi primeiro o sindicato, inclusive eu tenho o papel dele aqui, tenho aqui.

ENTREVISTADORA: Ah, ótimo.

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: Aí formamos o primeiro sindicato. Aí vai, eles (trecho incompreensível) com nós. Disse: "Olha, tenho que matar aquele povo, porque se eles ficar naquela conversa de sindicato, determina nós sair apertado." E aí foi nessa data que eles começaram a perseguir o povo. Aí... Martinho Fagundes pegou o dinheiro do povo para ir fazer declaração. Eu não sei se era do Incra nessa época, ou o quê que ele ia fazer. Sei que ele ia uma viagem para nós. Até aí eu lembro. Aí vai, ele pegou, nessa viagem que ele ia fazer para nós, o quê que acontece? Ele ficou na Janaúba. Janaúba, o cara entrou com dois revólver, bateu um, o tiro não saiu, ele bateu o outro que estava preparado. Mandou preparar o revólver e atirou no meu companheiro velho. (Trecho incompreensível).

ENTREVISTADORA: Mas o senhor se lembra de um Martinho Afonso?

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: Oh, dona, tinha aqui, de preto aqui, eu lembro um bocado, mas

não é todos assim, não, que já tem muito tempo. E a gente...

ENTREVISTADORA: Tudo bem. Se lembrar de outros.

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: Aí gente...

ENTREVISTADOR: O senhor lembra de mais alguém que morreu? Nesse época?

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: Nessa época eu não estou mais lembrado mais quem morreu, não. Estou lembrado desses aí.

ENTREVISTADORA: Mas então era frequente?

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: Foi... Espera.

ENTREVISTADOR: É o papel. É o papel do sindicato.

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: É, tô caçando aqui. A primeira carteira do sindicato, ela não sumiu, não, ela está aqui ainda. Eu...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: (trecho incompreensível)?

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: É. Essa daí foi a primeira. Eu tenho a primeira e tem a... A outra de hoje, a outra de hoje está aqui. Então eu a guardo, né, porque a pessoa diz: "ah, fulano, vai contar que matou a cobra e mostra é o pau". Eu não, eu mostro é a cobra. É.

ENTREVISTADORA: E aí vocês foram despejados e o senhor foi pra onde?

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: Nós fomos para Cachoeirinha.

ENTREVISTADORA: E ficaram morando...

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: Fiquemos arranchados na Cachoeirinha. Na Cachoeirinha, quando nós fomos para Cachoeirinha nesse despejo, aí veio um caminhão de Polícia e chegou ali e daí parou naquele posto, naquele posto ali da estrada que vai para Janaúba. Eles pararam lá e fizeram lá uma buraqueira lá naquele trem lá, que erapara esconder, para poder ficar melhor para acertar o povo. Mas Deus não dorme. Deus deu uma passagem com ele que onde é que ele está, ele não deixa ninguém morrer de graça, não. Só acredita quem morre quem já é morto, que já nasceu para morrer naquele dia. Aí o... Veio um advogado nosso e pôs todo mundo que estava lá destacado lá para ir embora.

ENTREVISTADORA: O senhor lembra o nome do advogado? É Petrônio?

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: Não, advogado era Luizinho.

ENTREVISTADOR: Era o Luiz Chaves.

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: Luiz Chaves é.

ENTREVISTADORA: Mas o Luiz Chaves, ele chega na década de 80, né?

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: É.

ENTREVISTADORA: Mas e antes? Algum advogado atuou por vocês? Na época do despejo?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Não teve nenhum, não.

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: Não. Na época do despejo o advogado aí foi nós.

ENTREVISTADORA: Vocês mesmo, né. Não tinha advogado.

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: Advogado.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Sem ninguém para ajudar, nós tinha para atrapalhar.

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: O advogado aí foi o custo da carabina e o rifle e o cabra saía amarrado pela cintura arrastada de carro e sofrimento e o resto só Deus que sabe contar para a senhora o que eles passaram.

ENTREVISTADOR: O senhor lembra de algum Manoel da Conceição que atuou aqui? Manoel da Conceição? O senhor lembra de algum?

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: Manoel? Não, eu não estou lembrado desse, não.

ENTREVISTADOR: Não, tudo bem.

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: É certeza que se tiver declarado algum amigo é porque tinha. É porque eles é muito, foi muita gente, não foi pouquinho, não.

ENTREVISTADORA: Muita gente, né.

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: É, eles fizeram a maior covardia aqui.

ENTREVISTADOR: Quantas pessoas o senhor acha que tinha nessa época do despejo mais ou menos aqui? Quantas famílias assim?

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: Ah, tinha muita gente.

ENTREVISTADOR: Tinha muita gente, né?

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: É porque tinha gente de lá do ...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Do quilombola.

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: Do quilombola. Para cá, todo canto que o senhor caçasse aí tinha gente arranchado. Tinha gente para tudo quanto é lado que o senhor pensar.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Só que não tinha divisão, não, era comum, entendeu? Todo mundo criava os bicho...

ENTREVISTADOR: E era tudo Varzelândia? Como é que era?

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: Cada um ficava...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Era Cachoeirinha mesmo que eles falava, Lagoa do Jaíba.

ENTREVISTADOR: Lagoa do Jaíba, era esse nome que eles davam, né?

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: É.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Criava o gado era tudo solto, aí cada um marcava um do seu jeito, outro de outro, entendeu?

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: É. Aí em Cachoeirinha.

ENTREVISTADORA: Mas então, depois de 67, você consegue contar para nós como que era o cotidiano, o dia a dia de vocês? Depois de 67, na década de 70, por aí?

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: É, depois que...

ENTREVISTADORA: O que aconteceu? Como vocês viviam

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: Depois que parou o despejo...

ENTREVISTADORA: Uhum.

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: Aí Deus ajudou que amiorou muito, né. Porque a gente aí já foi trabalhar mais sossegado. Assim, o sossego assim, que quase toda semana, de mês de mês, de três em três, de quatro em quatro, uma semana, a gente fazia reunião.

ENTREVISTADORA: Isso já na época que tinha advogado?

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: É, aí já tinha advogado.

ENTREVISTADOR: Despejo dura, tipo, 10 anos?

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: É, já tinha declaração que ia fazer...

ENTREVISTADORA: Mas antes, década de 70. Vamos pensar 68, 69, 70, 71. Esses anos assim, depois desse despejo maior de 67.

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: Não, aí a data não foi muito ruim não. O povo adoecia e outros ficava doente.

ENTREVISTADORA: As crianças ficaram doentes?

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: É, deu uma tosse brava aí.

ENTREVISTADORA: Febre amarela?

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: Febre amarela e troço que as pessoas foi obrigado a tomar remédio do mato e foi sofrimento, um bocado morreu de criança, e adulto também morreu.

ENTREVISTADORA: E os policiais continuaram cercando vocês por anos?

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: É, não, até que eles aí não atentaram muito não, né. Ficavam perturbando, mas era mais pouco.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Porque o que perturbava mesmo eram os capangas de coronel que não deixava...

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: Os capangas que ficavam aí.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: O pai dela era o líder. Ele que era o perseguido. Eles ficava caçando os líderes. Aí ele parou de ficar correndo, se ele visse igual nós veio aqui, ele tinha que passar em outra estrada. Ele não voltava pela mesma estrada, não, ele estava em outro caminho.

ENTREVISTADOR: Ele disse que não podia nem ficar junto conversando...

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: Não, nós fomos para Belo Horizonte, eu mais o pai dele, nós fomos num ônibus cheio de gente, tava a Fetaemg.

ENTREVISTADOR: Sim.

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: Que (trecho incompreensível) bem abaixo de saber disso. Nós ficamos lá, que nós foi lá fazer uma campanha lá, né, (trecho incompreensível). E lá, nós passamos no meio da rua com cachão gritando dos latifundiários, e a Polícia cercava nós de novo: “Vocês não gritam assim, não, porque o povo de lá da região suas mora quase tudo aqui. E ele mata vocês tudo aqui, detona ocês desses prédio aí um por um.”, “Não, pode deixar, quem já está na estrada perdido não caça mais caminha, não. Mas que nós vamos falar, vamos.” Aí veio muitos ônibus mesmo, veio um só não, acho que veio uns 10 ônibus ou mais, para lá pra Fetaemg. (Trecho incompreensível) cidade em Belo Horizonte.

ENTREVISTADOR: Foi quando vocês encontraram com o Tancredo lá?

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: É. Aí nós tivemos com, de verdade (trecho incompreensível) que eles cobrou.

ENTREVISTADOR: Sim, isso já foi anos 80, já, né?

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: É. Ele era...

ENTREVISTADORA: E ele foi bom para vocês? O Tancredo?

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: Ih! É que eu, tivemo o verdadeiro ainda, nós fazia ele virar um santo, voltar para a terra que ele era um santo. Ele lá não escolheu nem preto, nem branco, nem ninguém não, senhor. As pessoas pobre é que ele abraçou. Ele não abraçou gente rica, não. Nós tivemos no café dele, lá na casa dele lá, no congresso, e ele viajou mais nós também nessa situação que a gente podia, ele viajou com a gente. E era coisa de dignidade para homem, deixar de lembrança, é. Que ele foi um orgulho de gente.

ENTREVISTADORA: E antes do Luiz Chaves, alguém da igreja tentou ajudar vocês ou alguém de fora?

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: Não, aí veio muita gente, né. Veio gente assim, mas não fazia demora, não. Chegava assim, dava um papo ali, mas já sabia que o negócio estava em conflito, estava em perigo, aí vazava fora, não ficava. Que um destruía o outro, né. Um chega e diz assim: “olha, vocês chega num lugar daquele, que o povo era um povo mais velho. Na favela que não conhece e nada e coisa e tal e caía embaixo de terra dos outros.” Era ladrão. Que nessa época, o ladrão era nós. A verdade que a senhora lembra. Lembro que quem estava sofrendo é que era o pagador da conta. E aí nós ficávamos, assim, quase que um (trecho incompreensível) esse João Ninguém, né? Era um pelo outro, era um pelo outro aqui, unido, eu acho que não tinha união mais que nós aqui, não. Nós aqui era um pelo outro. Aqui, aonde um gritasse um, o outro chegava junto. Não tinha conversa frouxa, não.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Quem ajudou muito aí foi o Luiz Chaves e Doutor Afrânio, foi os líder que ajudou os posseiros, né.

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: Doutor Afrânio...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Se não fosse ele não era uma terrinha. Luiz Chaves foi um guerreiro.

ELIENE: Eu tenho lembrança. Eu estou com 32 anos. Eu tenho lembrança que quando eu era pequena, a gente morava numa casinha aqui do enchimento da (trecho incompreensível) barro. Aí o pai ia para a reunião mais o pai dele. Eles passavam por lá e vinha por aqui, por dentro do mato aqui.

ENTREVISTADORA: Quem é seu pai?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: É ele.

ENTREVISTADORA: Ah, é?

ENTREVISTADOR: Como é que é seu nome?

ELIENE: Chegava gente atrás, procurando por eles, aí eu falava assim, minha irmã, né, ficava meio com medo, esse povo assim, diferente, aí eu falava assim: “Ninguém nunca fala para onde que o meu pai foi”, eu falei assim: “Não precisa, não, eles estava por aí. E ele estava lá hoje mais ou menos.” Aí, tipo assim, fazia o cálculo como é que era que eles poderiam chegar. Eu falava: “ah, tipo assim, daqui uma hora da manhã eles estão chegando por aí. Não sei, não”, então que ele saía, meu pai chegava.

ENTREVISTADOR: Seu nome é qual mesmo?

ELIENE: Meu nome é Eliene.

ENTREVISTADOR: Eliene?

ELIENE: Uhum.

ELIENE: Não. Que, tipo assim, eles eram muito perseguidos. Eu tinha, eu ia em reunião em um prédio lá na onde pai dele estava quando o meu pai estava doente, com falta, assim, eu participava de reunião, eu tenho lembrança de um homem que chamava... Uma mulher chama Cláudia, trabalhava na Fetaemg, e o...

ENTREVISTADORA: Sônia?

ELIENE: Não, eu acho que é Cláudia. Eles dava remédio, dava um livro, sabe, que ensinava fazer remédio caseiro? Era tanto que aqui em casa até esses tempos tinha um ainda, não sei onde é que está, deve estar por aí... Remédio caseiro, essas coisas, sabe? Andava muito aqui. Eu ralei muito, muito tempo assim.

ENTREVISTADORA: Tinha cartilha?

ELIENE: Tinha as cartilinhas.

ENTREVISTADORA: Aham.

ELIENE: Eles ensinava, entendeu? Esmeralda que ela chama. E senhor lembra dela, tia, Esmeralda?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Eu lembro.

ELIENE: Esmeralda, o outro chamava de Luiz. Como que era o nome do homem, pai? Que andava mais Esmeralda, um baixinho, fortinho?

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: Eu esqueci...

ELIENE: Aí, eu tenho lembrança. Eu era pequena, não tenho lembrança. Convivia mais eles, andava mais eles não.

ENTREVISTADORA: E eles ajudava então vocês, né?

ELIENE: Ajudava. Esses daí ajudava, eles tudo tinha saúde, um bocado de coisas.

ENTREVISTADORA: Teve uma época que morreu muitas crianças. O senhor chegou a conhecer alguma dessas crianças, ou o pai delas, logo depois do despejo, na época do despejo, parece que muitas crianças morreram... O senhor lembra de alguma criança mais próxima do senhor que morreu?

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: Não estou bem a par muito, não, né. Que inclusive eu vou aqui... Compadre... Menino que morreu, é...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Morreu a menina de Lourivaldo, né.

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: É, morreu a menina de Lourival, morreu um de, daquele menino de... Compadre que gostava de encrenca.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Vai contar que morreu muita criança, né.

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: É, foi muitos que morreram.

ENTREVISTADORA: E enterrava em qualquer lugar, como é que era?

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: É, enterrava lá na rua.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Enterrava em caxeta, e era de caxeta de papelão, não tinha caixão, não.

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: Não tinha lugar próprio, assim, conforme tem hoje, cemitério. Era meio que bicho do mato. Aqui era, se eu lhe contar a verdade, a gente chegou por aqui e saía era essa beira de lagoa, todo canto que o senhor andasse tinha uma casinha feita de pedra daquelas casas de índio, né, aqueles morenos.

ENTREVISTADOR: Não tinha cemitério então na região, não?

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: Não, cemitério era lá aonde é que era a igreja. A igreja era assim, o cemitério era encostado na igreja.

ENTREVISTADOR: Mas as crianças não eram enterradas lá, não?

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: No meio da rua. Não, senhor. Enterrado lá pra baixo, separado. Aí as meninas, mulheres já moças, e rapaz, viu um senhor assim, que era da cor do senhor, dela aí, desse daqui, né, assim, nó tinha uma cor mais diferente. Aí batia o joelho no chão assim e dizia: "Bença", com as cabaça que, aqui chama cabaça. Lá no norte é porunga, desse tamanho assim. Aí dizia: "Bença, o senhor (trecho incompreensível) Deus te abençoe meu filho". Se o senhor falasse que ia lá e não prendesse pro lado deles, bom, o senhor ainda tem uma sorte. Se prender, se eles traçaram uma macambeira no peito, o senhor via abelha daqui três ou quatro meses, não via mais, não. E aí eles toparam com o pai dela, que o pai dela vinha encontrar com a gente para saber o quê que aconteceu. Mas era a moça mesmo, não era dizer que era criancinha, não, era moça adulta. Pipocavam nessa mata aí que o senhor ficava até com dó de conversar com ele. Era igual um rebanho de (trecho incompreensível).

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: (Trecho incompreensível).

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: Então a situação aí...

ENTREVISTADOR: Tinha muita maleita, né, era maleita...

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: É, uma parte era boa, né, que chovia, a chuva dava enxurrada, dava...

ENTREVISTADOR: Mas dava muito mosquito.

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: No joelho, dava na cintura da gente, você entendeu? Só que a maleita era tanta que tava me sorrindo e ele ficava batendo queixo no pau e morria. É o velho, meu pai mesmo, mosquito andava assim nos olhos dele, ele não piscava, não. Nós embaixo do pé de muro. Coberto com couro de boi por cima. Com a água passando, assim, por debaixo da língua de pau que eu tinha feito, nós tinha feito para ele deitar mais nós. E uns pau fincado assim no chão com uma folha de zinco para poder fazer o quebra-galho para poder comer. E o quebra-galho era língua de vaca e (trecho incompreensível) de égua e essa, broto dessa barriguda que nós comia. Que outra comida não tem, não, e o café era (trecho incompreensível). Mas mesmo ainda estava tudo rico ainda, porque não tinha confusão, não tinha briga, não tinha nada, você achava um peixe, você achava outro recurso. E aí a coisa era outra. Mas quando a coisa quis melhorar, foi nessa época que o São Pedro mandou lá do céu as pedras. Que as feras bravas desceu para baixo. É, aí ainda a coisa ficar roxa, que o trem foi feio.

ENTREVISTADOR: Teve muita fome, né?

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: Teve fome...

ENTREVISTADOR: O pessoal passou muita fome.

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: É, teve fome, doença e sofrimento. Nós passemos naquela que Cristo passou.

ENTREVISTADORA: Vocês estavam isolados, né, nesse momento?

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: É, nós ficamos conforme esses (trecho incompreensível) de chuva que tem aí pro Norte, a Pernambuco, a Bahia, sabe? Ficamos desse jeito. Nós ficamos aí meio, assim, por causa de bicho aí, solto na cidade, sem futuro e sem eira e sem beira. Depois foi que Deus abençoou em mim, o governador era muito bom, que foi mandando as pessoas da parte de Deus, que tem a parte do SUS e tem a parte de Deus, que Deus deixou excluído. Então a gente agradece muito a Deus e agradece esses povo de fora lá de cima, porque eles enxergam os que estão aqui atrás. Mas os outros não. Aqui não tinha pai de nosso e nem dependia de ninguém, não. Aqui o sofrimento era grande.

ENTREVISTADOR: No dia que teve o despejo, estava tendo uma missão da igreja. O senhor lembra disso? Que o bispo estava visitando aqui, estava batizando o pessoal e foi bem no dia do despejo. O senhor lembra disso nesse dia?

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: Lembro.

ENTREVISTADOR: Os posseiros, eles chegaram a falar com o bispo e com o padre que estava com o bispo? O senhor lembra como é que foi isso?

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: Eu não estou bem lembrado não, viu, porque essa época, eu estava carregando as coisas dos companheiros e vendo a morte nos olhos e o sofrimento.

ENTREVISTADOR: Sim.

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: Então eles foram fazer uma missão na rua, aí eles vem aqui proibir para não fazer isso. Que senão eles vão fazer a reunião, e lá na reunião nós vamos botar eles para poder acertar o espinhaço no cacete. Aí chegou um soldado e falou com ele, disse: “Olha, não mexe com eles, não, porque eles estão debruçando e rezando.” Aí eu tinha chegado, eu estava na casa de um companheiro com o nome de João Celeiro. E eu estava com cabelo quase que eu estou agora, virando catitu. Aí o Manelito falou, esse Juju falou com o meu amigo que era o João que trabalha com o Cesar, e eles olhar para cortar o cabelo daquele caboclo amarrado, porque ele é bravo. Para cortar o cabelo, queria raspar e deixar no cérebro. Que era para nós dar um pau nele. Digo: “Ê, companheiro, você vai perder o santo, porque eu nasci aqui nem fui criado de (trecho incompreensível) não, fui criado foi no meio das feras”. E ele, graças a Deus, até hoje o homem nunca botou a mão em mim assim para me machucar, eu não. Que eu rezo todo dia para Deus ajudar nós.

ENTREVISTADORA: Não cortou o cabelo, não?

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: Não, não cortei, não. Cortei quando eu quis, né. Quando eu quero eu faço, quando eu não quero, eu deixo por conta do mundo, que Deus já aprendeu a viver o mundo foi assim.

ENTREVISTADORA: E quando que o senhor veio para cá, para essa terra que o senhor mora hoje?

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: Aqui eu vim depois de já com os papéis na mão.

ENTREVISTADORA: Aham.

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: É, aí eu recebia os documentos da terra, conforme eu tinha ido, e aí eu vim não foi pra aqui. Eu vim para ali para o final desse lote aqui embaixo, ali na divisa.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Na Catité, né?

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: É. Aqui mesmo.

ELIENE: Da idade que tem do pai dele... Da idade que tem do pai dele que morou aqui, tem que o meu pai mora. A mesma idade. Eu nasci aqui em 1984.

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: Nós ficamos lá embaixo na cada do Governador, casa de barro.

ENTREVISTADORA: Já moravam aqui?

ELIENE: Já.

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: Só que era verdade.

ELIENE: Morava em uma casa que tinha lá embaixo.

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: Aí deu uma chuva e a casa ia cair no rio com os meninos, e os meninos estavam caindo, nós foi pra rua. Voltar com nós. Estava lá voltando, a chuva invadiu lá a área de plantação.

ELIENE: Nós ficava dentro de caixa d'água. Pega essa época pra você ver, 1984. (Trecho incompreensível) Lá tinha uma fazenda, ali assim na lagoa, que eles ficavam na lagoa que tinha o mandiocal, eles arrancavam mandioca lá para fazer beiju para nós comer de noite. Minha mãe com a barrigona grande.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: (Trecho incompreensível) já vem o homem, eu caí lá no chão que sobe mandioca.

ENTREVISTADORA: A senhora tem quantos filhos?

ELIENE: Nós somos nove irmãos.

ENTREVISTADORA: Nove? Família grande. Todas vocês parecem novas. Muito novas mesmo.

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: É. A gente faz na base do sertão bravo, pra tudo quanto é canto, para Belo Horizonte, para Brasília, os meninos daqui tudo...

ELIENE: O mais velho morreu. Vai fazer quatro anos agora. Em julho. Morreu com 40 anos.

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: O mais velho morreu.

ENTREVISTADORA: Agora tem oito?

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: É.

ENTREVISTADORA: Mora tudo aqui?

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: Não, senhora. É tudo esparramado, né, porque tem que trabalhar (trecho incompreensível).

ELIENE: (Trecho incompreensível) uns saem porque casam, né. Vai casando, vai saindo. Mas tem três aqui ainda.

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: Tem lá por Patrocínio, tem para Brasília de Minas aqui. Tem para Belo Horizonte. É um bocado de filho esparramado nesse sertão bravo aí.

ENTREVISTADORA: E o senhor se lembra de alguém que foi preso?

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: Ah, comadre, aí teve um bocado. Nesse época, a gente no desespero, a gente não dá para pôr na cabeça tudo, não, que vai chegando os tempo de idade devagar. E a gente, tem certas passagens na vida que a gente não dá conta nem de lembrar direito.

ENTREVISTADORA: Tem hora que a gente prefere esquecer, né.

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: É, esquecer. Porque eu sou uma pessoa muito vivida. Se for para mim tirar um retrato aqui (trecho incompreensível) da senhora ou da moça que está ali (trecho incompreensível), eu prefiro não olhar. Quando eu vejo uma pessoa, às vezes está conversando assim uma parte de (trecho incompreensível), um assunto particular, um assunto... (trecho incompreensível) certas feridas que a gente tem, o coração (trecho incompreensível) do lugar. Porque eu sou uma pessoa que não sei se eu sou crente, se eu sou católico, o quê que eu sou, entendeu? Só que eu não gosto de lembrar de sofrimento, porque não sai do pensamento. É igual a fera perdeu, assim, a mãe, eu não tenho mãe nem tenho pai. E a gente chega a uma conclusão que a vida é tudo ilusão. Mas é sempre ilusão que os olhos de muita gente. É uma taca que é duro para a gente carregar ela. E a taca é dura. Do nascimento até o dia de morrer. É muito duro. A gente bem pensasse, rezava dia e noite, noite e dia para Deus não me esquecer dele, porque a situação da terra, antes de passar é difícil. É difícil.

ENTREVISTADORA: A além do Martinho Fagundes? Tinha outro líder, vamos dizer assim, uma pessoa, além o Senhor Sula, além do Jader de Paula? Jadércio, tinha outra pessoa?

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: Tinha outros enganadores da gente, né? Que chegavam aí para enganar, porque sabia (trecho incompreensível).

ENTREVISTADORA: Enganador? Quem é?

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: É que todo mês, todo mês a senhora tinha que, tivesse união, que não tivesse, a senhora tinha que pagar aquelas mensalidades lá do sindicato, né? Aí nessa hora de ganhar dinheiro todo mundo quer chegar junto da gente e ninguém quer ficar longe de dinheiro, né? Aí a senhora vai pagar para aquelas pessoas, que a gente não tem documento, de dizer, de garantia, não tinha direito a passar, né, a garantia nossa era Deus e o sindicato e o pai desse daí. O pai desse daí, ele não, para mim ele não morreu. Para mim toda hora ele está mais

vivo. Que foi umas pessoas que a gente não sabe nem contar pra senhora o quanto ele valia. Era um batalhador daqui de dentro. Então é umas pessoas que morreu e pra gente não morreu, né? Porque é umas pessoas que a gente não sabe nem contar a senhora quanto é que valia, porque não tinha preço, não, de bom que era. E aí a gente vivia nessa vida assim, nesse corriola para baixo e para riba e mexendo os planos de vida.

ENTREVISTADORA: Uhum.

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: Só que nesse tempo, até com toda ruindade, sofrimento e penalidade e sangue, a vida era boa. Agora, depois que a coisa podia ter melhorado, voltou a piorar. Culpados nós mesmos. Agora eu quero que vocês três me digam qual que foi problema, que foi o culpado, tá piorando ou não. Os outros não quer que a gente fala, porque diz assim: "Ah! Fulano conversa demais, mas quem conversa muito dá bom dia a cavalo. Mas a gente dá bom dia a qualquer bicho." A leitura, não ficou naquela declaração que a senhora me via de ciência e regra. Então a leitura ficou sabendo o segredo de Deus. Então Deus disse assim na escritura sagrada, que quando o povo ia saber o segredo dele, que ele estava jeito de mudar a tempo. E de mudou tudo. O peixe está acabando. As caça acabou. Os velhos vai na cidade. O povo não conhece mais ninguém. E algumas pessoas que conhecem uns aos outros é só roubo, confusão e questão e fome. Porque não tem tanto de dinheiro que a senhora ganha para resolver seus problemas. Segundo, a chuva foi-se embora. As águas estão secando. E nada feito. Quem era rico agora (trecho incompreensível) mesmo tamanho de nós, que era aquele tempo de muito pasto e pouco mato, muito chapéu e pouca cabeça. Nós estamos nesse caminho aí que é ruim de sair. E o mundo está do tamanho de um ovo, não está cabendo o povo. Mas não é do jeito que estava, porque se estivesse do jeito que estava, não cabia nele, não, porque tinha muito. Hoje, em vez de caber, está é minguando, cada dia que passa, a senhora vê como é que passa ai a situação. É de 20, 30, 40, 50, 60 mortes tudo de uma vez. Não tem (trecho incompreensível) mais, não, morre é de uma vez, assim, quando bate de carro, de roubo e o escambau, e vai é o mundo nosso vai desabando. Agora a pessoa que não acredita ele fica assim e diz: "Ah! O mundo tá bão. O povo tá tudo forgado, vende o arroz pronto, o café, ninguém precisa socar, ninguém precisa plantar, nenhum precisa fazer nada." Mas a pessoa está tudo cego, comadre. Cego da senhora passar a mão assim e ele dizer que é o monte de garrancho que a senhora está ciscando no terreiro. Tudo cego. Porque só está faltando na terra a água ferver sete braça para baixo e a terra nascer fogo no chão. Ainda nasceu ainda e eu provo para a senhora, para Deus e

todo mundo. É porque as crianças, ainda tem criança ainda, se não tivesse a senhora ia ver o quê que o mundo ia acontecer. Que a situação é adequada. Eu falo com a senhora porque eu conheço o mundo.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: (Trecho incompreensível) era melhor?

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: De primeiro era. De primeiro era melhor, porque ó, (trecho incompreensível). É, a senhor, ó, a senhora com umas horas sem barbela, a senhora pegava peixe.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Tinha doença mas era doença (trecho incompreensível).

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: A senhora plantava para baixo e para cima, ninguém tinha dono.

ENTREVISTADORA: Uhum.

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: A senhora andava daqui pra onde a senhora mora, a senhora não pensava de um bandido, a senhora não pensava de um destrambelho de um carro, a senhora não pensava em nada, porque era sofrimento que a senhora andava nas costas de um cavalo, ou a senhora andava em outras condução, mas andava de corpo aberto e viva e a senhora andava aí com uma doida fé em Deus, a senhora andava...

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Deitava em qualquer lugar.

ENTREVISTADORA: Aqui tem alguma violência?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Poxa, aqui tem bandido demais.

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: Eu já vi (trecho incompreensível) virou um comércio que diz que é uma cidade, na época, como a senhora viu lá, lá atrás que vocês passaram lá, mas ali a senhora não pode fazer fiança nem bem no santo da igreja. Quem cai aí eles panha pensando que é ouro e quebra.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Nem moto tá podendo rodar.

ENTREVISTADORA: Uhum.

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: Então a situação é precária.

ENTREVISTADORA: O quê que o senhor achou de ter colocado o nome Verdelândia?

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: O povo hoje em dia muda tudo, né? Muda o nome da doença, muda os nomes do comércio, muda o nome do lugar...

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Eles colocou Verdelândia como se fosse homenagem a

Varzelândia, né? Como se fosse isso. Faz parte de Varzelândia, ai colocou Varzelândia...

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: É, como diz a história, esse negócio de trocar nome é absolutamente é feito comarca, esse tipo de coisa. Aí a pessoa muda o nome de lugar. Mas aí eu conheci aí quando eu vim por aqui, era Cachoeirinha.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Mas o povo não esquece, não.

ENTREVISTADORA: Por causa da água, né?

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: Cachoeirinha.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Mas a maioria do povo chama é Cachoeirinha.

ELIENE: É. Ninguém que você falasse Verdelândia... "Você mora aonde?" Ele fala assim, Verdelândia. "Varzelândia?", "Não, Verdelândia, antiga Cachoeirinha."

ENTREVISTADORA: Tem que falar?

ELIENE: Tem que falar assim.

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: É.

ENTREVISTADORA: As pessoas ainda identificam Cachoeirinha.

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: É.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Mas passou sufoco com esse povo. O (trecho incompreensível) cansava de dormir assim, com a espingarda no colo, a noite toda olhando nós.

Dormia sentado assim. Ficava lá...

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Nem dormia, na verdade.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Eu lembro ele sentado, só olhando.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Mãe não dorme, não.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: E não tinha casa, não. Seu Pedro aí lembra. A casa...

ELIENE: Minha mãe foi morar com meu pai, minha mãe eu tinha 15 anos de idade.

ENTREVISTADORA: 15, né?

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: É, ela não dormia, moça. Passava a noite escorada assim no banco. Aí a noite todinha, e cachorro ganindo em roda da casa, assim, latindo. O aguado de lá era eu e João Lourival que tinha aqui, e ele foi embora par Bahia, achei que ele morreu, sei lá.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Morreu não. Está vivo.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Está vivo?

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Tá. Eu vi foto dele esses dias, ele tava, eu acho que ele tá perto de Mato Grosso.

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: Então... Era os aguarniçador daqui. Não era que gente ia matar a gente. Mas a senhora entra dentro do espinho não é porque a senhora não tem coragem para caçar, a senhora entra é no aperto. A gente sem aperto não (trecho incompreensível). Mas apertou, dando uma apertada ele come pimenta e tá servindo (trecho incompreensível). Então a situação era precária. Porque ninguém quer ver ninguém morrer.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Lourival está velho também.

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: E nem quer matar. Mas que a gente tem coisa que é obrigado a senhora pegar de unha é. Que a senhora está vendo um curral de uma represa assim, um curral, qualquer coisa apertar que nem nós ficamos aqui, e um boi parte na senhora, a senhora morre ou pega ele à unha, porque senão ele pega ocê. Então eu vi coisa aqui (trecho incompreensível).

ENTREVISTADORA: Era sofrido.

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: E hoje também esse despejo daqui, no país não teve ele, não, primeiro despejo que nasceu no Estado de Minas foi essa terra, essa confusão de Cachoeirinha aqui. E era para pôr uma placa no prédio aí, eu ia lá e não disse que era mentira. Era para pôr uma placa nesse prédio explicando a situação desse país nosso que é de Cachoeirinha no passado, e até hoje eu não sei se pôs, se não pôs, depois que o pai (trecho incompreensível) morreu eu não fui lá mais.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Não pôs, não.

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: Esses meninos e eu, quase eu não encontro com eles, porque inclusive eu estava para Brasília, cheguei agora esses dias. Cheguei e dei uma declaração nessa perna aqui de gente velho, arrumei um problema nessa perna, que essa perna aqui ficou da cor de sangue, envermelhou tudo.

ENTREVISTADORA: O senhor tem diabetes?

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: Eu não sei, não.

ENTREVISTADORA: Tá igual a perna da minha avó.

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: Aí esse trem aqui assim... Aí, agora está descascando, ó...

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: A médica falou que (trecho incompreensível).

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: Isso aqui virou...

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Erisipela.

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: É isso.

ENTREVISTADORA: Mas isso dá por causa da diabetes.

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: Virou um fogo só.

ENTREVISTADORA: Minha avó tem isso aí. A perna fica vermelha, dura.

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: É.

ENTREVISTADORA: Aí ela tinha que fazer drenagem, vinha uma fisioterapeuta para fazer tipo uma massagem na perna para drenar o sangue.

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: Mas aqui, do jeito que está aqui, a senhora amassar aqui, ela faz um pirão aí que a senhora dá...

ELIENE: Mas agora está boa a perna dele.

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: Não está queimando igual estava, não. Isso aqui era um fogo que (trecho incompreensível).

ELIENE: Ele sentiu uma febre bem brava, 21h00min, começou a tremer com duas coberta e uma blusa de frio e não estava passando. Aí eu fui e dei ele um paracetamol, que aí foi controlando um pouco e falei: "Vão bora, pai. Eu vou ligar para o homem", ele falou: "Mais do que isso eu já passei. Deus é mais, só tem um Deus. (trecho incompreensível) Deus.", "Mas eu sei pai, mas deixa eu levar o senhor, porque Deus fala assim, 'faz sua parte que eu te ajudarei'. Entendeu? Vamos fazer a nossa parte que ele vai ajudar o senhor. Vão bora.", "Não, não. Na hora que o dia amanhecer, clarear", ele fala clarear, "nós vai." Aí quando o dia amanheceu, peguei e liguei pra ambulância, que minha mãe levou ele, subiu ali na cidade, e passei no médico, a médica (trecho incompreensível) com a febre dele, toda hora ela estava dando comprimido. Aí ela aplicou um buscopan na veia, uma dipirona na veia dele para cortar a febre dele. E ele ficou lá de manhã de 07h00min, 15h00min. Ele estava com 39.50. Ela falou que se eu não tivesse dado remédio pra ele, ele tinha sentido uma convulsão. Mas depois desses remédios apresentou, ele chegou aqui em casa e apresentou essa mancha na perna.

ENTREVISTADORA: Ah, foi depois disso?

ELIENE: Depois, depois que ele sentiu essa febre, é com uma coisa que estava por dentro dele.

ENTREVISTADORA: É, tem que olhar, que pode ser diabetes mesmo. Aí tem que olhar a alimentação.

ELIENE: Aí está tomando... Aí o médico fez um exame.

ENTREVISTADORA: O senhor gosta de açúcar, de doce?

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: É doce, é açúcar, é tudo.

ENTREVISTADORA: Ah, então é isso mesmo. Tem que cortar o açúcar.

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: É, agora tem que comer rapadura, né?

ENTREVISTADORA: Nem rapadura. Igualzinho a minha avó, nossa.

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: Viajava, mas duas semanas e tanto (trecho incompreensível). E o rapaz caminhava, viajava, era duas semanas no lombo de burro, trocando cachaça com rapadura, (trecho incompreensível) rapadura com fome, é, negociando. E aí podia comer nozes, era carne assada com água fria e rapadura. Rapava rapadura, punha junto com a farinha e a carne assada e comia. Metia o fogo no mato, na estrada, parava o burro, acendia o fogo.

ENTREVISTADORA: Era igual tropa mesmo, né?

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: É, isso aí. E trocava a tropa no meio do mundo e vazava.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Até palapa ele já foi, já ouviu falar palapa?

ENTREVISTADOR: Sim.

ENTREVISTADORA: E essa roupa do senhor? Toda estilizada, o senhor é o maior estiloso. (Trecho incompreensível).

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: É trocar roupa, trocar a roupa tem uma mania, né?

ENTREVISTADORA: É. E que mais (trecho incompreensível)?

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: Não, é porque a gente (trecho incompreensível) Quando pinta tem 130, né, e sem pintar, quanto é que dá?

ENTREVISTADORA: Não sei.

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: Então a senhora não falou nada comigo, não.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Esse aí (trecho incompreensível).

ENTREVISTADORA: Essa daqui que é a vaidosa também.

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: É, né? Ela está no caminho certo, porque a pessoa tem que aproveitar o que tem enquanto vale o que merece, que se deixar o tempo passar, a vida é só o que padece.

ENTREVISTADOR: O senhor gosta muito desse negócio de frase assim. Como é que é? O senhor ouve essas poesias assim, o quê que é? O senhor pensa?

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: É da vida.

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: Hoje eu já estou velho, não estou mais...

ENTREVISTADOR: Não, ele gosta de umas frases, umas poesias, uns negócio assim, da Bíblia também.

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: Mas eu (trecho incompreensível)

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: É que o signo dele é câncer, canceriano é muito cheio de palavras.

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: E eu que já levantei um bocado de defunto do chão, e só vou quando as pedras for e a mulher for, enquanto tiver a mulher em pé eu não morro, não.

ENTREVISTADORA: Então a mulher está te deixando aí, né?

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: É, porque nossa Senhora é a mãe.

ENTREVISTADOR: Ele ficou o dia inteiro pensando. Massa.

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: Nossa Senhora é a mãe de Jesus.

ENTREVISTADORA: É isso. Muito obrigada viu Seu Pedro?

ENTREVISTADOR: Foi ótimo terminar esse dia conversando com o senhor, a gente ficou o dia inteiro lá na audiência, vir aqui conversar com o senhor foi uma coisa assim...

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: E na hora que precisar de nós, estamos aí.

ENTREVISTADOR: Foi extremamente gratificante.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Oh, pai! O senhor teve, é... Boletim, alguma coisa nessa reunião?

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: Não, ele não mandou, não. Ele só avisou (trecho incompreensível).

ENTREVISTADORA: E o senhor guarda documento, outras coisas? Daquela época, jornal?

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: Eu tinha um bocado de trem aí, mas (trecho incompreensível) as pessoas.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Tinha mesmo, mas muda pra lá e muda pra cá (trecho incompreensível).

ENTREVISTADOR: Mas foi ficando pra trás?

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: Aí vai deixando, pensando que nada vale, e aí o tempo vai levando.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: O pai dele, eles tinha um tanto e eu li esses trem, tinha carta...

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: É, tinha, aí tem é (trecho incompreensível) guardado, né. Está guardado. Tem documento da terra.

ENTREVISTADORA: Documento da terra tá guardado.

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: É, tá guardado. As contas que eu faço também está guardado.

ENTREVISTADORA: E o senhor planta alguma coisa aqui?

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: Planto. No início, que eu entrei para aqui, eu plantei arroz e teve época de eu colher 60, 70, 80, 90 sacos de arroz. Porque lá embaixo lá é só de água.

ENTREVISTADOR: Sim.

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: Eu corri de lá, porque a água correu comigo. Esse tempo chovia. E aí eu plantava era arroz e milho, feijão, algodão. E tudo em conta eu plantava.

ENTREVISTADORA: Aham. E agora?

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: Agora eu estou plantando, mas de alho não dá, não.

ENTREVISTADORA: Dá não?

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: E nesse ano eu guardei, enganei. Eu pensei até que eu ia morrer.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Sete anos, né?

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: Eu plantei ali (trecho incompreensível). É.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Tem sete anos já que ele está aposentado aqui.

ENTREVISTADOR: Sete anos já? É uma das piores secas que está tendo aí, né?

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: É. Eu plantei ali uma roça.

ENTREVISTADOR: Ver se melhora agora.

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: Ali, mas (trecho incompreensível) assim, não era roça (trecho incompreensível) não. Dei uma ajeitada de roça ali, eu panhei mil e tantas melancias. Coisa que rezei foi ali. Porque eu nunca vi dá melancia daquele jeito. Eu dei duas assim no talo, da senhora parar para ver, é. Eu saí daqui e deixei ali uma pinha de melancia, dá tudo essa mesa aí, dando para os porcos, num quarto que tem ali e no quarto de Afrânio em baixo. Os tempos lá, vi melancia e eles deram para os porcos ali, porque a melancia perdeu, porque deu duas chavinha. Ela ficou com o doce mais pouco, mas aqui saiu caminhonete de melancia. Outra coisa não deu, não, mas melancia deu.

ENTREVISTADORA: Melancia deu?

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: É. Esse aí eu não creio de Deus, não, que (trecho incompreensível).

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Aqui é ele lá dentro das melancias.

ENTREVISTADORA: Olha...

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: Não, deu para a senhora parar. Eu nunca vi dar daquele jeito,

não, senhora. (Trecho incompreensível) Deus deu, eu fiquei. (Trecho incompreensível) eu já plantei roça de panhar carreta de abóbora (trecho incompreensível) assim, mas igual esse ano que deu, eu tenho certeza que não pode, não tem cabimento, não.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: E elas deram bem grande. Só que, assim, veio duas chuvas repetidas e aí (trecho incompreensível).

ENTREVISTADORA: E aí vocês venderam melancia?

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Venderam nada, porque, assim...

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: Fomos vendendo assim olha.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: A metade foi dada (trecho incompreensível).

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: (trecho incompreensível)

ENTREVISTADORA: Melancia que o senhor teve foi para todo mundo.

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Leva no posto de saúde lá e chama, fala com as meninas. As meninas (trecho incompreensível).

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Aí, Seu Pedro, (trecho incompreensível) Seu Pedro vim na terra, né?

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: É.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: São Pedro passava e diz que tudo quanto é canto que ele chegava tinha uma (trecho incompreensível) farmácia. Aí diz que a hora que ele chegou lá no céu: “ah, porque você demorou lá, Pedro?”, “Ah, lá estava bom demais, moço, é muita festa (trecho incompreensível) lá estava bom (trecho incompreensível) tem muita coisa para o senhor pagar. Agora (trecho incompreensível) está boa, tem farmácia demais, loja.

ENTREVISTADORA: Eu fazer uma foto do senhor lá fora, né, acho que até melhor. Da família mesmo.

PEDRO MENDES DE QUEIROZ: (trecho incompreensível)

ENTREVISTADOR: Aqui nós terminamos, tá?

ENTREVISTADORA: Até hoje eu não aprendi a desligar esse negócio... Você tem Facebook?

INTERLOCUTORA NÃO IDENTIFICADA: Tenho não, minha filha, não instalei, não.

ENTREVISTADOR: Você tem WhatsApp?

ENTREVISTADORA: Você tem WhatsApp? Não, não pega...